

Psicodrama público na contemporaneidade

CENÁRIOS BRASILEIROS E MUNDIAIS

MARIÂNGELA PINTO DA FONSECA WECHSLER
REGINA FOURNEAUT MONTEIRO
(ORGS.)



PSICODRAMA PÚBLICO NA CONTEMPORANEIDADE

Cenários brasileiros e mundiais

Copyright © 2016 by autores

Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Alberto Mateus**

Produção editorial, projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 — 7º andar

05006-000 — São Paulo — SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO	7
Luís de Moraes Altenfelder Silva Filho	
APRESENTAÇÃO	11
Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler e Regina Fournaut Monteiro (Réo)	
1 O PERCURSO DO PSICODRAMA: DAS PRAÇAS DE VIENA ÀS RUAS DE SÃO PAULO	23
Ronaldo Pamplona da Costa	
2 INTERVENÇÕES PSICODRAMÁTICAS – GRUPO VAGAS ESTRELAS	41
Anna Maria Knobel e Camila Salles Gonçalves	
3 DIGRESSÕES SOBRE HOMOFOBIA	51
Carlos A. S. Borba	
4 PSICODRAMAS PÚBLICOS SOBRE O RACISMO CONTRA OS NEGROS NO BRASIL – UMA PERSPECTIVA DA MULTIPLICAÇÃO DRAMÁTICA ...	59
Pedro Mascarenhas	
5 MASCARADA DA CONTEMPORANEIDADE	73
Mario Buchbinder	
6 A PROPOSTA DO TEATRO-DEBATE	85
Ângelo Borim e Moisés Aguiar	
7 GOTINHAS DE PARTICIPAÇÃO	99
María Camen Bello (Yuyo)	
8 PSICODRAMA EM ESPAÇOS PÚBLICOS – CENAS CONTEMPORÂNEAS ...	113
Ursula Hauser	

9	ATO SOCIODRAMÁTICO: AS IDEOLOGIAS GRUPAIS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DA CONTEMPORANEIDADE.	125
	Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler e Regina Fournaut Monteiro (Réo)	
10	"EU SOU PALOOZA!"	141
	André Marcelo Dedomenico	
11	CENAS, DIÁLOGOS E CAMINHOS DE ESPERANÇA	157
	Georgia Vassimon	
12	RECONNECTANDO COM AS RAÍZES ANCESTRAIS: PSICODRAMA TRANSGERACIONAL NO BRASIL	167
	Leandra Perrotta	

Prefácio

Luís de Moraes Altenfelder Silva Filho

CONSIDERO UM PRIVILÉGIO ESCREVER o prefácio de *Psicodrama público na contemporaneidade – Cenários brasileiros e mundiais*, em que as organizadoras, Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler e Regina Fourneaut Monteiro, apresentam os panoramas contemporâneos por meio dos escritos de eminentes e engajados psicodramatistas cujas práticas são voltadas para a clínica indissociada do social. Trata-se de um encontro de gabaritados profissionais, que pertencem a diferentes comunidades, debruçados na busca pela ampliação das vivências do psicodrama, pela elaboração de metodologias contemporâneas. É um livre pensar criativo, acompanhado de ação/intervenção. Nada mais moreniano.

Trata-se de um livro importante para todos os interessados no psicodrama e nas ciências humanas e que nos chama ao compromisso com o outro, com o grupo, com a sociedade e com o cosmo. Fazíamos parte de uma sociedade na qual o compartilhar e a ação grupal eram práticas comuns, mas as transformações geradas pelo capitalismo e pela modernidade nos levaram a um estágio pós-moderno, no qual o homem caminha solitário, ansioso por pertencer a um grupo que o reconheça e lhe traga identidade.

Na contemporaneidade, algumas mudanças acontecem num ritmo frenético e padrões culturais são quebrados: nas artes, na música, nos costumes, nas regras alimentares, nas relações pessoais etc. A comunicação eletrônica quase substitui a relação pessoal, aplicativos eletrônicos promovem encontros, relações amorosas são rompidas por WhatsApp. O ecstasy – um *dopping* da tele

moreniana – é usado para “sentir”, para dar todo o amor que temos guardado. É comum entrar num restaurante e ver mesas cheias de pessoas comunicando-se não com o parceiro do lado, mas com seu smartphone. A criança é sossegada com um joguinho no iPad e não mais com o aconchego da mãe. A Peppa Pig hipnotiza e fascina o bebê. O homem caminha para um autismo eletrônico, com seu celular substituindo a comunicação pessoal direta. Regrida anacronicamente para o isolamento característico do período moderno, mas com a tecnologia de ponta pós-moderna.

Quase tudo é industrializado, empacotado e pronto para o uso. A ração do animal substitui a caça e transforma o ecossistema. Os ossos e os restos animais viram ração e talvez um dia restaurantes sirvam pílulas de divinos sabores, com *sommeliers* que nos façam sentir fragrâncias petrussianas; talvez o brinde vire um costume do passado. As transformações acontecem em ritmo jamais visto e urge a nós acompanhá-las.

Moreno, um homem à frente do seu tempo, um pré-contemporâneo, revolucionário, propôs o estudo do homem sem pinçá-lo de seu meio social, desenvolvendo um método que ia do indivíduo ao grupo e ao social. Segundo ele, “a sociometria é muitas vezes chamada de sociologia do povo, pelo povo e para o povo. O psicodrama é frequentemente chamado de psicoterapia do povo, pelo povo e para o povo” (2006, p. 15).

Ainda na era da modernidade, Jacob Moreno foi um pós-moderno e o psicodrama recebeu desde os tempos de sua criação inúmeras contribuições de estudiosos do mundo inteiro, o que faz dele um método contemporâneo e em constante evolução.

Na década de 1960, o psicodrama chegou efetivamente ao Brasil e, nas palavras de um dos seus pioneiros, o psiquiatra e psicodramatista Antonio Carlos Cesarino (*apud* Motta, 2008, p. 38),

constituíamos um grupo de psicoterapeutas que queríamos ir além da prática dos consultórios e visávamos atingir a meta básica do psicodrama: a sociedade e suas instituições. E assim aconteceu: o psicodrama quebrou o

tradicional *setting* da terapia entre quatro paredes. Trouxe-o para o ar livre, para o grupo, para o público.

José de Souza Fonseca, inspirado pelas Sessões Abertas ou Psicodrama Público – realizadas por mais de 50 anos por Jacob Levy e Zerka Moreno, em Nova York –, resolveu trazer essa forma de psicodrama público ao Daimon, entidade criada por ele. Então, desde 1984, em São Paulo, às quintas-feiras, lá acontecem sessões de psicodramas públicos. Em março de 2001, em um único dia, foram realizados mais de 150 psicodramas públicos em diversos lugares da cidade, com temática social ligada à vida na cidade, que surgiu da própria população. A partir de 2003, passam a acontecer todos os sábados psicodramas públicos no Centro Cultural São Paulo. E, a partir de maio de 2015, cursam outros psicodramas públicos, também aos sábados, no Centro Cultural Diadema, em parceria com a Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap).

Desde então, inúmeros projetos que levam o psicodrama para além das salas de atendimento psicoterápico vêm acontecendo no Brasil e em alguns países, em locais como hospitais psiquiátricos, centros de atenção psicossocial, centros culturais e escolas públicas, não se atendo somente ao atendimento clínico, mas também às demandas sociais, como prevenção de acidentes de trânsito, do uso de álcool e drogas, da violência doméstica e social, de conflitos raciais, catástrofes etc. Mas acredito que necessitamos de muito mais iniciativas que promovam a relação do homem com seu semelhante, com seu grupo familiar e social, com a sociedade e, assim, com a humanidade. O isolamento é uma peste silenciosa.

Barretto (2011) diz que escritos e contribuições pautadas por uma leitura crítica, não compartimentalizada, aliadas ao livre compromisso de ação responsável e com doses de ousadia e de esperança, são, a seu ver, o caminho para a construção do psicodrama do terceiro milênio.

Marineau (1992) escreve que o grande desafio vindouro, lhe parece, será epistemológico: construir e reconstruir sobre as barreiras de Moreno, de forma coerente e sistemática. Contribuições como as contidas neste livro são fundamentais, pois o homem caminha, inadvertidamente, para um isolamento cada vez maior, pelas características das mudanças ocorridas – principalmente na comunicação – e que virão a ocorrer no período pós-moderno. Urgem mudanças, no sentido de o homem conhecer o homem, o homem compartilhar com seu grupo e o grupo, com a sociedade. Dessa forma, acredito que caminharemos para novas formas de encontro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETTO, M. R. M. P. “Da utopia à realização: como sobrevivem as ideias revolucionárias de Moreno”. In: COSTA, R. P. (org.). *Um homem à frente de seu tempo: o psicodrama de Moreno no século XXI*. São Paulo: Ágora, 2001.
- CESARINO, A. C. M. *Psicodrama brasileiro: histórias e memórias*. São Paulo: Ágora, 2008.
- MARINEAU, R. F. *Jacob Levy Moreno 1889/1974: pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. São Paulo: Ágora, 1992.
- MORENO, J. L.; MORENO, Z. *Psicodrama: terapia de ação & princípios da prática*. Trad. José de Souza Fonseca e Mello Werneck. São Paulo: Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento, 2006.
- MOTTA, J. M. C. (org.). *Psicodrama brasileiro: histórias e memórias*. São Paulo: Ágora, 2008.

Apresentação

Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler

Regina Fournaut Monteiro (Réo)

EM PRIMEIRO LUGAR, AGRADECEMOS a todos os autores, nacionais e internacionais, que contribuiram generosamente com suas ideias e reflexões para enriquecer este livro.

A obra que organizamos anteriormente, *Psicodrama em espaços públicos: práticas e reflexões* (2014), estimulou-nos a continuar debruçadas sobre o assunto. No entanto, nossa inspiração – os cenários da contemporaneidade – traz à luz conceituações sobre o que entendemos por contemporâneo, uma vez que esse é um tema necessário a nós, pensadores.

Para nos guiar, escolhemos, sobretudo, o pensador e filósofo Giorgio Agamben, autor do livro *O que é contemporâneo? e outros ensaios* (2009). Outros autores também foram nossos companheiros na compreensão das formas de ser e estar no mundo ao focalizar a modernidade para mostrar os deslocamentos e rompimentos que se processaram ou ainda estão ocorrendo, uma vez que as grandes produções da modernidade são um parâmetro para a contemporaneidade, entre eles: Bauman (1999), Fridman (2000), Henningen (2007), Kumar (1999), Lyotard (2004), Mariuzzo (2010), Pereira (2011), Santos (2001), Taschner (1999) e Veiga-Neto (1999).

Concordamos com Henningen (2007, p. 192), que afirma não ser possível

encerrar a compreensão da contemporaneidade em um conceito, sendo mais pertinente descrevê-la como um conjunto de condições que produzem

e são produzidas por uma ampla gama de processos – sociais, culturais, econômicos, tecnológicos etc.

Veiga-Neto (1999) nos conduz a pensar a contemporaneidade como um cenário em que os processos acontecem, sendo os processos e o cenário indissociáveis e extremamente conectados. Henningen (2007, p. 192), dando continuidade a esse pensamento, traça um paralelo com o teatro e nos mostra que “os acontecimentos em cena ganham certas significações em função do cenário e, ao mesmo tempo, o cenário vai adquirindo significados à medida que a trama desenrola-se”. Dessa maneira, os processos sociais, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos etc., ao se interconectarem, produzem cenários e ganham significações, assim como os próprios cenários vão adquirindo significados com base no desenvolvimento das tramas e dos dramas.

Tendo em vista a impossibilidade de esgotar o conceito de contemporaneidade, Lyotard, em 1979, cria o conceito de pós-modernidade para situar os deslocamentos e rompimentos que se processaram na modernidade até meados do século XX. No entanto, essas discussões não são consenso entre os estudiosos, visto que Kumar (1999) nos pontua que o “pós” de pós-modernidade pode tanto significar o que vem depois, em uma experiência de tempo linear, quanto conduzir de volta a uma reflexão sobre as vivências da modernidade.

A modernidade é iniciada por Decartes (1596-1650), Hume (1711-1776), Kant (1724-1804) e os racionalistas que se esforçaram, intelectualmente, na busca de uma ciência objetiva, de uma moralidade e de leis universais, valorizando as experiências individuais de contato com o mundo. Segundo Pereira (2011), mesmo com o Romantismo, surgido após o Iluminismo, rompendo as ideias de um ser racional e propondo um ser passional e sensível, o ser humano continuava cada vez mais individualista, sobretudo devido ao desenvolvimento da era industrial. Tais ideias, baseadas na faculdade racional e nos direitos universais, refletiram-se nos

ideais da Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade. Os ideais não puderam ser alcançados, pois a racionalidade e a sensibilidade, acrescidas de premissas generalizáveis (Veiga-Neto, 1999), não garantiram sua implementação e os interesses particulares acabaram predominando, levando a guerras e conflitos.

Ora, como controlar as subjetividades fora da ordem vigente? Goffman, referendando Foucault, já nos anunciava a importância dos dispositivos quando escreveu o livro *Manicômios, prisões e conventos* (1961), no qual denunciava que o controle consiste em domesticar e disciplinar o comportamento do ser humano. Agamben resgata o termo “dispositivo” usado por Foucault, ampliando seu conceito com brilhantismo. Dispositivo, então, seria “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (2009, p. 12). No entanto, o autor amplia seu conceito e “o eleva à categoria fundamental para a compreensão do mecanismo político contemporâneo” (idem), ao buscar a genealogia do termo *dispositio*, do latim, usado pelos padres da Idade Média, período em que se iniciou a divisão entre Ser e Ação, ontologia e práxis, por intermédio da ideia de um Deus uno quanto ao seu Ser, mas tríplice (santíssima trindade) quanto à sua Ação, quanto ao modo de administrar sua casa, sua vida e o mundo que criou: um Deus no céu que tudo vê, controla, pune e é transcendente; e um Deus na terra que administra (Wechsler, *apud* Agamben, 2009). Pensamos que essa divisão entre Ser e Ação é fundante e cara, sobretudo para nós, psicodramatistas, que trabalhamos com sujeitos e grupos.

Além de a modernidade ter sido marcada pelos mecanismos de repressão disciplinares, segundo Pereira (2011, p. 23),

as constantes mudanças modernas proporcionaram ao ser humano experiências múltiplas de perdas de referências coletivas e construíram vivências privatizadas intensas, sustentadas pelo capitalismo crescente e pelo surgimento da ciência psicológica [...] privatizando fortemente a subjetividade humana.

Dessa maneira, um desinteresse pelo coletivo, uma apatia a tudo que diga respeito ao mundo público e uma exaltação do indivíduo são marcas da modernidade, com uma subjetividade privada sendo construída durante os últimos três séculos.

A pós-modernidade é marcada por esse processo de privatização de subjetividade, pela constatação do poder veiculado pelo controle dos dispositivos, mas, sobretudo, pelo fim da utopia racionalista, seja ela técnica ou científica (Santos, 2001), visto que se verificou o fracasso da modernidade pela história do século XX e de suas guerras e se constatou a fragilidade dos sistemas filosóficos explicativos. Ainda tentando compreender a subjetividade contemporânea, Fridman (2000) assinala que as profundas mudanças ocorridas no cenário mundial nos últimos anos, quer sejam na cultura, no trabalho, na globalização ou na ordem pós-moderna, geraram grande ansiedade nos indivíduos. Segundo Taschner (1999), Lyotard e Baudrillard são os nomes mais vinculados à ideia de pós-modernidade, visto que o primeiro destaca o fracasso da racionalidade, propondo causas, e o segundo pontua que vivemos num mundo de simulacros, da hiper-realidade, em que as fronteiras entre realidade e fantasia perderam os contornos, surgindo como efeito a falta de referência do vivido.

Segundo Bauman (1999), o sentido transitório, efêmero e descartável é a marca dos tempos pós-modernos, pois a sociedade sólida virou líquida, a aceleração chegou ao limite, o princípio do prazer é a tônica e os indivíduos são convocados a colecionar experiências e sensações, como mercadorias a ser consumidas. A mídia tem um papel ativo nesse processo de subjetivação e, embora todos sejam confrontados com a lógica do consumo, nem todos podem ser consumidores, pois as mesmas situações globais produzem efeitos diferentes. Nesse sentido, a produção de conhecimento, como nos chama a atenção Boaventura de Souza Santos (2001), é sempre local, dentro de um contexto.

Mariuzzo (2010), citando Olgária Matos (2009), diz que, pela comunicação extremamente rápida e pela busca de novas tecno-

logias e não de ideias e valores, inaugura-se o tempo do presente plano, contínuo, da eterna repetição e da monotonia, sem desdobramentos para o futuro. Assim, as questões do tempo e do espaço perdem seus limites e significações, pois, se não há resistência no espaço, não há duração e, dessa maneira, não há tempo para a experiência da interioridade e não há pertencimento simbólico. “Voltou o mundo hobbesiano, da guerra de todos contra todos. Permanecer vivo é obra do acaso, o que se atesta pela criminalidade urbana e pelo terrorismo” (Mariuzzo, 2010, p. 3).

E qual a contribuição de Agamben para o que é ser contemporâneo? O que nos levou a colocá-lo como nossa fonte inspiradora? Para responder à primeira pergunta, podemos dizer que o autor recoloca a questão de outra maneira: “De quem e do que somos contemporâneos?” (2009, p. 57). O significado do que é ser contemporâneo responderá à nossa segunda questão.

Sua citação (ibidem, p. 58-59) nos ajuda na compreensão:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatural, mas exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.

Assim, a contemporaneidade é uma relação singular com o próprio tempo, próxima e distante simultaneamente. Seguindo adiante, só é possível apreender essa obscuridade, essas “trevas do presente”, esse invisível se estivermos num campo relaxado, condição *sine qua non* para a assertividade da metodologia socio-nômica. Agamben (2009) ainda pontua que a habilidade particular para descortinar as trevas do presente seria a possibilidade de neutralizar as luzes que provêm da época e, ainda, não são separáveis do escuro especial. Não se deve deixar cegar-se pelas luzes do século e, sim, distinguir nelas a parte da sombra. Torna-se necessário, então, reconhecer nas trevas do presente a luz que as

envolve – embora ela nunca consiga nos alcançar, estando permanentemente “em viagem até nós” (Agamben, *ibidem*, p. 66). Esse processo não cessa, ele é o próprio devir!

Portanto, nosso compromisso é com essa relação singular com o próprio tempo. Ser contemporâneo é uma questão de coragem e exige uma intempestividade, uma urgência que ocorre no próprio tempo cronológico e o transforma, colocando em ação uma relação especial entre os tempos e as gerações. O tempo cronológico traz a própria história, assim como a criança continua viva na vida psíquica do adulto e o “aqui e agora” moreniano, com seu *locus nascendi*, *status nascendi* e *matrix*, traz à tona a história do sujeito.

Dessa maneira, essa fonte inspiradora nos ajuda a resgatar a nossa potência como psicodramatistas contemporâneos, a qual, ao nos debruçarmos em trabalhos públicos, numa proximidade íntima com as urgências que se apresentam no “aqui e agora”, nos permite tornarmos cidadãos políticos, agentes de transformações.

Quais os cenários da contemporaneidade aqui apresentados?

Este livro se inicia com um artigo de Ronaldo Pamplona da Costa, que ilumina o percurso do psicodrama desde as praças de Viena às ruas de São Paulo, dando visibilidade, por intermédio de *13 atos*, à história de projetos psicodramáticos brasileiros que têm como protagonistas as demandas sociais, sobretudo as relacionadas à sexualidade. Ele nos conta sua iniciativa de aproveitar dispositivos contemporâneos – por exemplo, a TV – como mídia, a serviço de iluminar as sombras da nossa época, facilitando a tomada de consciência sobre a sexualidade humana.

No texto seguinte, Anna Maria Knobel e Camila Salles Gonçalves nos mostram o método Vagas Estrelas, criado pelo grupo de mesmo nome, em 1995, integrando cinema, vídeo, música, teatro e psicodrama. Ao encenar temas contemporâneos como um *iniciador estético teatral* – por exemplo, o roteiro criado a partir do golpe militar brasileiro de 1964 –, o grupo dispara na plateia possibilidades de identificação com os personagens. Por

intermédio do trabalho dramático desdobrado, as cenas se encaixam posteriormente, viabilizando o coconsciente e inconsciente do grupo e facilitando, dessa maneira, a vivência catártica dos sujeitos e os novos processos de subjetivação.

Carlos A. S. Borba nos conta a história do movimento contemporâneo internacional dos direitos homossexuais desde seu nascimento. Ele o contextualiza no Brasil e exemplifica a exclusão e a discriminação sofrida pelos homossexuais, ainda vistos como doentes e seres repulsivos. Demonstra que o método do Grupo Vagas Estrelas é uma das possibilidades de transformação dessa mentalidade contemporânea, abrindo espaços em diversas instituições de ensino e de saúde.

O artigo de Pedro Mascarenhas nos fala sobre o racismo e a tríade cruel que o caracteriza: a exclusão, o ódio e a própria eliminação do sujeito, paralisando o processo de conhecimento e de criação. Alargando o campo de reflexão, inclui outras situações de desumanização, como guerras, torturas e traumas coletivos da nossa contemporaneidade, e foca no método da Multiplicação Dramática.

Mario Buchbinder versa sobre sua pesquisa com máscaras, a qual resultou em 1978, com Elina Matoso, em um método singular, expressivo e teatral, denominado Mascarada, pontuando-o como um dispositivo que gera elaboração, desmascaramento, criatividade e espetáculo. Ele enfatiza a inter-relação entre público e privado, entre geral e particular, e nos abre caminhos para questionarmos o papel de diretor/coordenador de psicodrama na contemporaneidade, o qual, com sua escuta, pode facilitar a organização da fantasia e da realidade nas cenas ontológicas, destacando as máscaras como reveladoras de um ser como, ao mesmo tempo, semblante e mito, linguagem poética e corporal.

Ângelo Borim e Moysés Aguiar também nos apresentam sua perspectiva metodológica, caracterizada pelo Teatro-Debate (TD): um dispositivo que permite a explicitação de temas e refle-

xões sobre a contemporaneidade por intermédio de diálogos cênicos entre elementos do grupo. As relações horizontais dão o tom para a autonomia grupal, fugindo de ideologias predeterminadas nas quais o poder pode circular.

María Carmen Bello (Yuyo) nos conta sobre as gotas de transformação transportadas pelos colibris, as quais significam nossos trabalhos públicos que tentam apagar o silêncio e a indiferença naturalizada, diante dos incêndios desastrosos que atravessam os povos da América e do mundo. A autora utiliza como exemplos os sociodramas públicos simultâneos da América Latina no México e outros trabalhos sintônicos com os acontecimentos do cotidiano mexicano. Esses são espaços de interlocução com o silêncio e com a falta de afetação coletiva, efeitos de patologias disruptivas sociais, como a violência social, o feminicídio, o narcotráfico etc., que podem ser acolhidos e transformados em direção a um novo processo de subjetivação, no qual as marcas sejam a esperança e a corresponsabilidade.

Ursula Hauser traz, por intermédio da prática apresentada, os conflitos étnicos contemporâneos vividos em Gaza, cujos expoentes são sofrimento, raiva, perdas e lutos diante da relação entre os povos que polarizam o poder e seus reféns – israelenses e palestinos. Questiona a necessidade de tomada de consciência das subjetividades pelo psicoterapeuta, quer psicanalista quer psicodramatista, para poder construir um campo de trabalho ético no qual as ideologias políticas e culturais sejam mapeadas e subjetivadas para sair da armadilha de se colocar um peso equivocado na neurose ou na sociodinâmica grupal, pois as travessias dos processos de subjetivação, dos efeitos dos dispositivos e da naturalização precisam ser visíveis.

Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler e Regina Fourneaut Monteiro (Réo) nos mostram, por intermédio da prática realizada no Centro Cultural São Paulo, as trevas do presente, ou o invisível da contemporaneidade, focando na possibilidade de neutralizar as luzes que provêm da nossa época por meio da lei-

tura e do manejo da prática sacionômica. O sociodrama realizado iluminou as ideologias grupais visíveis e invisíveis – disputas, competição, poder e subjetividades privatizadas – em busca de uma potência nunca alcançada, demonstrando o sofrimento e a dor do privado e do público em um momento que antecedia as eleições presidenciais brasileiras de 2014. As autoras dão ênfase ao campo lúdico, articulando Ser e Ação e tendo como efeitos ações espontâneas e criativas, que possibilitaram novos processos de subjetivação. Pontuam a importância de as transformações se iniciarem na própria subjetividade do diretor, condição que facilita a produção da multiplicidade de sentidos.

André Dedomenico nos conta sobre uma vivência/reflexão ocorrida também no Centro Cultural São Paulo, na qual o foco foi uma experimentação sacionômica que conduziu a uma leitura metodológica, tentando escapar dos dispositivos que controlam, determinam e nomeiam poderes. O psicodramatista enfatiza as cenas espontâneas que brotaram do grupo e discute as intersecções entre grupo e grupalidade na contemporaneidade.

Georgia Vassimon nos apresenta vários locais nos quais o psicodramatista pode atuar: hospitais, unidades de saúde, escolas, abrigos, creches, praças, cidades, debaixo de pontes, parques, secretarias, centros culturais, enfim, lugares onde a vida social flui. O texto lembra que, em todos os lócus, os grupos produzem encontros que nos convidam a pensar sobre aquilo que geramos e nossa corresponsabilidade diante das escolhas que estamos fazendo na vida, as cenas, diálogos e histórias que estamos reproduzindo, como e para que nos expressemos, como nos silenciamos etc.

Para finalizar, Leandra Perrotta relata a importância do psicodrama transgeracional. Com base em uma experiência de psicodrama público no Brasil, a autora italiana tece os rituais oníricos que facilitam um encontro psicodramático com os ancestrais, contando-nos que podemos tomar consciência sobre os padrões invisíveis de lealdade e a consequente necessidade de

reparação, para assim lidarmos com situações não resolvidas dos antepassados. Sendo o Brasil um país fortemente marcado por imigrações, poder focar nas trevas que persistem no “aqui e agora” dos descendentes dos imigrantes é fazer acontecer a luz que pode envolvê-la e, nesse sentido, transformar o estrangeiro em um cidadão com raízes na nova pátria.

Dessa maneira, desejamos que cada leitor possa tecer suas considerações singulares em meio às trevas que continuam existindo neste luminoso focado por nós. E que, neste percurso incessante, possa encontrar as sombras de nossa época a serviço das transformações necessárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- FRIDMAN, L. C. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2000.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1961. (Coleção Debates)
- HENNINGEN, I. “A contemporaneidade e as novas perspectivas para a produção de conhecimentos”. *Cadernos de Educação*, n. 29, Pelotas (FAE/PPGE/UFPel), jul.-dez. 2007, p. 191-208.
- KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio, 2004.
- MARIUZZO, P. “O que é ser contemporâneo”. *Luz: revista eletrônica da CPFL Cultura*, n. 1, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAenUYAI/que-ser-contemporaneo>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- PEREIRA, A. H. *O psicodrama e o imaginário contemporâneo*. Curitiba: Juruá, 2011.

- SANTOS, B. de S. “Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento”. *Educação & Realidade*, v. 1, n. 26, jan.-jun. 2001, Porto Alegre, p. 13-32.
- TASCHNER, G. B. “A pós-modernidade e a sociologia”. *Revista USP*, n. 42, São Paulo, 1999, p. 6-19.
- VEIGA-NETO, A. “Ciência e pós-modernidade”. In: LAZZAROTTO, V. A. *Teoria e história da ciência: intercâmbio latino-americano*. Caxias do Sul: UCS, 1999, p. 53-65.
- WECHSLER, M. P. F. “Preço e/ou apreço – Jornal Vivo como dispositivo ou contradispositivo?” In: WECHSLER, M. P. F.; MONTEIRO, R. F. (orgs.). *Psicodrama em espaços públicos: práticas e reflexões*. São Paulo: Ágora, 2014, p. 77.

1. O percurso do psicodrama: das praças de Viena às ruas de São Paulo

Ronaldo Pamplona da Costa

ATO 1 – JACOB LEVY MORENO

JACOB LEVY MORENO, MÉDICO romeno, nasceu em 1889. Estudou Medicina em Viena, onde viveu desde os 5 anos, e formou-se em 1917. Durante o curso de Medicina, participou de várias atividades sociais: fazia jogos de improviso com crianças nos jardins de Viena; foi assistente de um médico venereologista; utilizou também técnicas grupais com prostitutas para conscientizá-las de sua situação social; trabalhou num campo de refugiados tirolezes, onde observava as interações entre os elementos do grupo do ponto de vista psicológico.

Quando terminou o curso, sua inclinação maior era para o teatro, área na qual via possibilidades para a investigação da espontaneidade. Fundou, em 1921, o Teatro Vienense da Espontaneidade, onde por algum tempo trabalhou a improvisação com um grupo de atores. Seu interesse pelo teatro não era algo isolado. Desde o início do século XX, vários autores – como Stanislavski, Pirandello e Bertolt Brecht – pesquisavam essa forma de expressão cultural.

Moreno também tinha interesse pela psiquiatria e frequentava a clínica do professor Otto Potzl. Nessa época, Freud trabalhava na mesma faculdade, onde estava desenvolvendo seus conceitos da psicanálise. A nova área de conhecimento, entretanto, não despertou a atenção de Moreno.

Com a evolução do trabalho do teatro da espontaneidade, passou a observar mudanças de comportamento em seus atores e